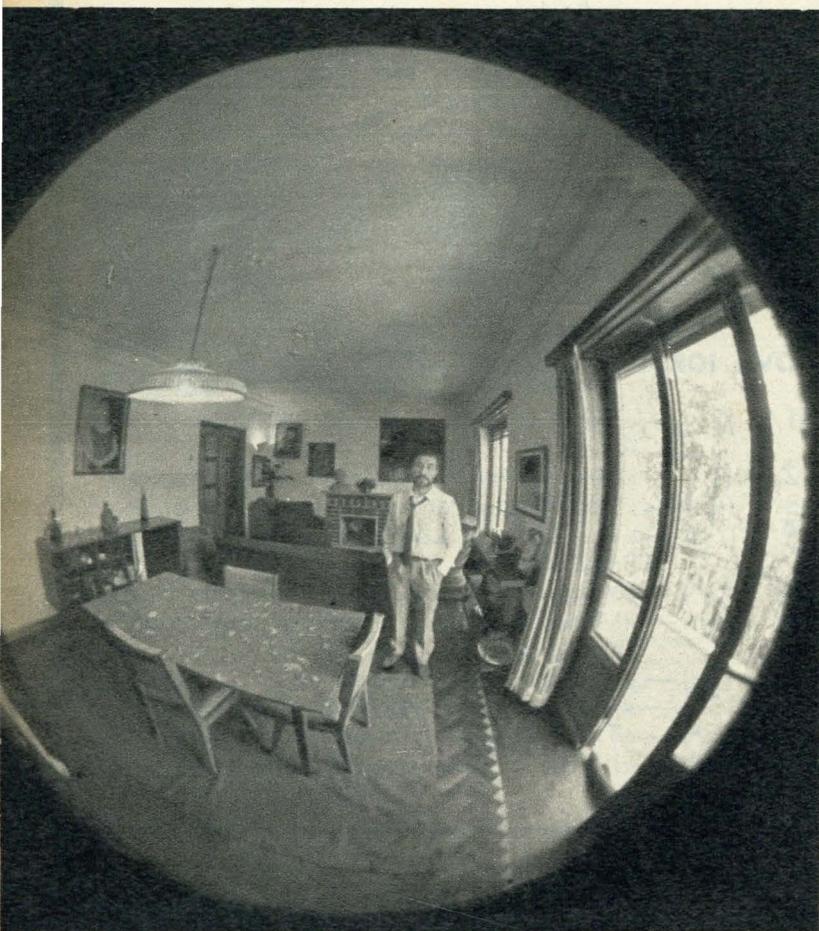


O MUNDO ONDE NASCEU "O DELFIM"



«O Delfim», o novo romance de José Cardoso Pires, há anos que era aguardado. Finalmente apareceu e é actualmente «best-seller» nacional com direitos de tradução já firmados na França e na Inglaterra. Parte do livro foi escrita na residência do autor



CADA novo livro de José Cardoso Pires é um acontecimento. Com «O Delfim» que neste exacto momento estará a ser folheado por alguns milhares de leitores — o acontecimento é maior ainda. Depois das «Histórias de Amor», da «Cartilha do Marialva», de «O Hóspede de Job», o público português acabou por aceitar que — como escreveram «Les Lettres Françaises» precisamente acerca deste romancista — «existe uma literatura apaixonante em Portugal.»

«O Delfim» figura em primeiro lugar na lista dos «best-sellers» da «Vida Mundial», à frente mesmo do livro de Ferreira de Castro recentemente saído, «O Instinto Supremo».

Estamos em presença de um novo tema e de uma nova representação da realidade em que se ultrapassam os convencionais limites da narração. O romance ergue-se como um poliedro de várias faces, «palpável» e com volume próprio, e surpreende o leitor mais actualizado com a literatura dos nossos dias.

Sobre o seu novo livro, disse José Cardoso Pires, durante entrevista concedida a uma estação de rádio: «Escrevi este romance pensando no Tempo — no nosso Tempo português. Uma e outra coisa, livro e tema, são ainda um enigma para mim. O romance porque, nas cinco versões que escrevi dele, me «ultrapassou» impondo-me certas soluções narrativas de todo inesperadas. O tema porque me obrigou a aprofundar o denominador comum da nossa condição: a realidade de um Tempo português, que é única nos meridianos contemporâneos. (...) Isto porque há um tempo histórico e até físico verdadeiramente singular no nosso quotidiano.»

Estamos na idade do «happening» e do «free jazz», e isso talvez se ajuste à construção deste romance, que, no dizer do autor, é antes uma «memória descritiva, o levantamento de determinado espaço físico e sentimental» — um romance em que se contém todas as solicitações de análise e de observação, sem um tempo marcado e sem limites aparentes, como se, apaixonado e liberto, o narrador enfrentasse a sua última oportunidade para dizer todo o seu testemunho e morresse no dia seguinte...

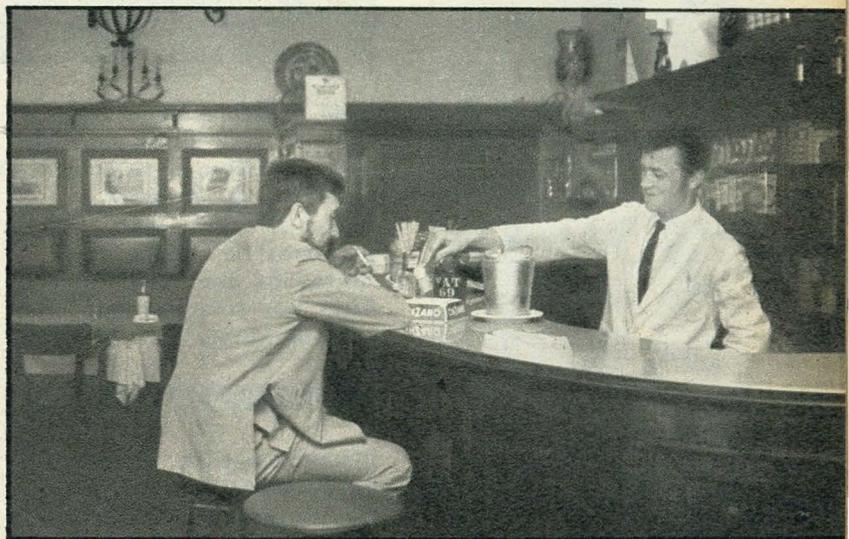
A casa de José Cardoso Pires, num recanto tranquilo de Lisboa, nem de longe faz lembrar o mundo terrível das personagens de «O Delfim». Aqui, os heróis do romancista são a mulher e as duas filhas. Uma vida familiar que ele interrompe nos períodos de trabalho, afastado da cidade e dos amigos



Neste gabinete de trabalho foi redigida uma parte da «Cartilha do Marialva» e de «O Hóspede de Job», o romance premiado que chamou a atenção das editoras estrangeiras para Cardoso Pires. Durante cinco anos foi também aqui que o romancista trabalhou algumas das páginas de «O Delfim»



Os vários rostos de um escritor. Entre os pintores que o retrataram figuram em lugar de honra Pomar (na foto), Bernardo Marques e Vespeira. Em toda a casa as artes plásticas são uma presença significativa: obras de João Abel Manta, Jorge Vieira, Aldina, Alice Jorge, um Portinari, um Hans Erni, cerâmicas populares, etc.

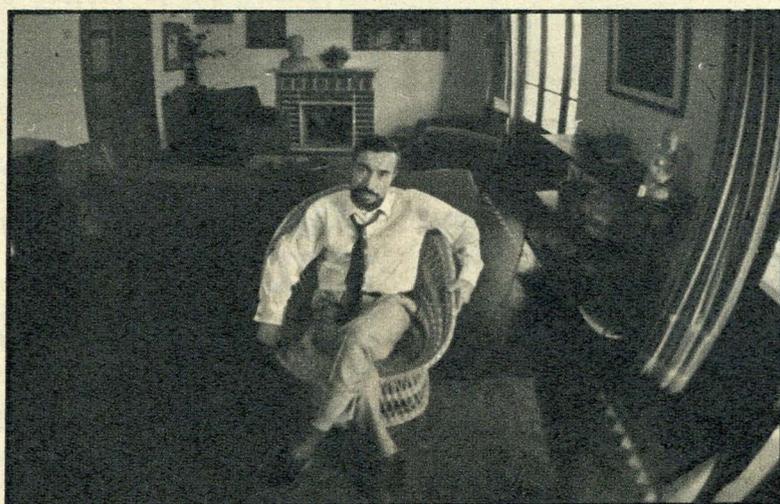


Os bares fazem parte da geografia de «O Delfim» e são os lugares favoritos de Cardoso Pires, que os prefere às tertúlias de café. Alguns dos momentos extraordinários do romance reflectem essa predilecção. «Um barman é um comandante do prazer» — escreveu ele

A inesquecível caça aos patos do romance é um dos grandes momentos da literatura portuguesa contemporânea. O autor descreve-a num cenário em que se condensam pedaços das lagoas de Óbidos, Santo André e Albufeira e também das escarpas do Guadiana

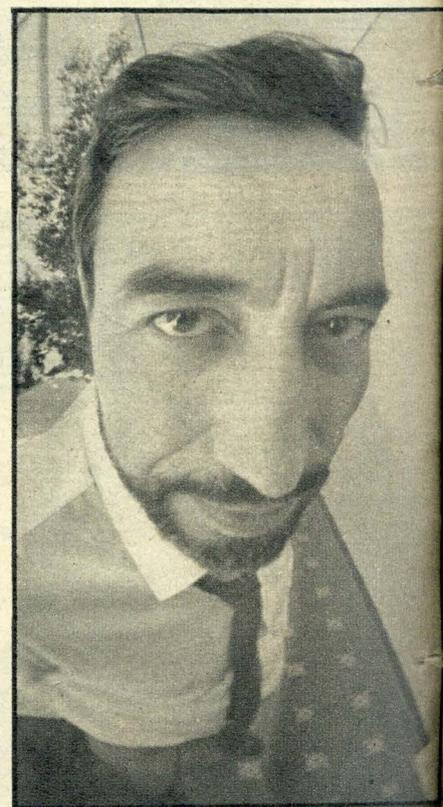


«Cada homem oculta dentro de si o seu fantasma», escreveu o autor de «O Delfim». O romance é, em si mesmo, uma crónica de fantasmas vivos e de animais-mitos, com um Jaguar de «sport» a percorrer velozmente as distâncias da evocação



Uma realidade tão simples como a casa do romancista pode transformar-se com a objectiva do fotógrafo. Ficamos, assim, mais próximos da solidão fantástica com que Cardoso Pires costuma envolver os seus heróis

Ritinha, a filha mais nova, quer «fazer livros quando for grande para viajar muito.» Cardoso Pires escreve quase sempre durante longos períodos na casa de um amigo sobre a costa atlântica ou no sul de Espanha



Traduzido em vários países, representado no palco com a sua única peça teatral («O Render dos Heróis»), Cardoso Pires é um caso de excepcional poder de comunicação das nossas letras. Os amigos íntimos dizem que na sua aparente espontaneidade há uma solidão obstinada

